



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

**Órgão do Partido
Operário Revolucionário**

☎ (11) 95446-2020

www.pormassas.org

@massas.por

anchor.fm/por-massas

Resoluções da Corrente Proletária ao V Congresso da CSP-Conlutas

22 de julho de 2023

Divulgamos abaixo as propostas de Resolução apresentadas pela Corrente Proletária / POR ao V Congresso da CSP-Conlutas, que ocorrerá de 7 a 10 de setembro, em São Paulo.

I) CONJUNTURA INTERNACIONAL

Considerando que:

A situação mundial vem sofrendo uma mudança qualitativa depois do fim da Segunda Guerra e da desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991. O que justifica essa caracterização é o retorno aos grandes conflitos econômicos em torno ao esgotamento da partilha do mundo no pós-guerra, a guerra bélica na Ucrânia, a guerra comercial no Indo-Pacífico, a projeção internacional da OTAN e a escala da militar mundial. É parte dessa mudança o recrudescimento da ofensiva capitalista contra a classe operária e os demais explorados. As contrarreformas vêm se impondo à custa de maior desemprego, subemprego, empobrecimento e miserabilidade. As alterações tecnológicas, ao contrário de impulsionar o desenvolvimento das forças produtivas, refletem as travas históricas que se encontram na contradição entre essas, as relações de produção capitalistas na forma monopolista, no impulso ao protecionismo ditado pelas potências e no agigantamento do capital financeiro parasitário. Isso se passa nas condições de superprodução e grandes excedentes de capital parasitário.

A guerra comercial, que vem se desenvolvendo desde as crises sucessivas, iniciadas nos anos de 1970, abriga em suas entranhas as tendências bélicas, que agora se manifestam em tal magnitude, que estabelecem um novo marco qualitativo na desintegração do capitalismo da época imperialista. Inúmeras guerras locais e regionais, motivadas e potenciadas, em grande medida, pelo intervencionismo dos Estados Unidos e aliados, já indicavam o esgotamento da partilha do mundo e da necessidade do capital monopolista e financeiro ampliar seus negócios. Em grande parte das inúmeras guerras, destacaram-se as disputas pelo controle de fontes de matérias-primas e fortalecimento de posições geoestratégicas.

É preciso ter claro que o desmoronamento dos regimes burocráticos no Leste Europeu, a liquidação da URSS e a abertura da China para a maciça penetração do capital monopolista em sua economia estatizada tiveram em sua base o esgotamento das relações internacionais estabelecidas no pós-guerra, que pôs à tona as guerras, revoluções e contrarrevoluções. O triunfo da

marcha da restauração capitalista, que se ergueu poderosamente com a derrubada da URSS, consubstanciou a estratégia imperialista da contrarrevolução. O desvio e o esmagamento das revoluções foram decisivos para as forças restauracionistas se imponem. A reunificação da Alemanha Oriental, a incorporação do Leste Europeu à União Europeia, a derrocada da URSS e a abertura da China não resultaram em arrefecimento das tendências bélicas e em garantia dos equilíbrios estabelecidos no pós-guerra, pelo contrário, potenciaram a guerra comercial, e a disputa pelas fontes de matérias-primas e pelo posicionamento geoestratégico. O processo de restauração capitalista não serviu ao arrefecimento dos confrontos. A contrarrevolução não teve como evitar o choque entre as forças produtivas e as relações de produção capitalistas, bem como com as fronteiras nacionais. Observa-se que o período de ajuste foi se encurtando.

No momento em que a China passou à ofensiva econômico-comercial em nível mundial, se tornou concorrente voraz das velhas potências, evidenciando principalmente o declínio dos Estados Unidos. No momento em que a Rússia reagiu à penetração do capital internacional na região outrora controlada pela URSS, por meio da absorção das ex-repúblicas soviéticas, o imperialismo estabeleceu um novo marco de cerco militar, contando com a OTAN.

Os Estados Unidos tomaram a ofensiva no sentido de anexar a Ucrânia, assim que explodiu a crise interna em 2014. Estava colocada abertamente a disputa pelo controle desse estratégico território entre o imperialismo e a Rússia, que emergiu da derrocada da URSS como potência regional. A divisão da burocracia governamental e da oligarquia restauracionista na Ucrânia pendeu a favor do intervencionismo norte-americano e europeu. A guerra se tornou inevitável, uma vez que o regime restauracionista russo necessita conservar o controle das ex-repúblicas soviéticas e garantir a continuidade da Rússia como potência regional independente. É necessário enquadrar as guerras internas à região, como a da Chechênia e da Geórgia, nos marcos da crise geral do capitalismo e do processo particular do avanço da contrarrevolução restauracionista.

O confronto que se desenvolve na Europa está intimamente ligado ao que se passa no Indo Pacífico, envolvendo a guerra comercial e a questão de Taiwan. Os Estados Unidos

fizeram do povo ucraniano bucha de canhão para seus objetivos imperialistas, organizaram uma ampla aliança europeia e trabalham por estendê-la a uma aliança asiática. A militarização da guerra comercial contra a China tende a ganhar terreno, e nesse sentido, somada à escalada militar europeia, trouxe o fantasma de uma terceira guerra mundial, que se discute abertamente entre os porta-vozes do próprio imperialismo. As Cúpulas da OTAN, realizadas na Espanha e, agora, na Lituânia, sintomaticamente, expõem a ponta do iceberg do militarismo e de seu expansionismo internacional.

É do ponto de vista da mudança da qualidade da situação mundial que a vanguarda com consciência de classe tem de desenvolver a política revolucionária do proletariado. A luta de classes está, por enquanto, aquém dos grandes problemas da crise mundial, mas tende a recuperar o terreno perdido em que as experiências da guerra e dos confrontos econômico-comerciais são sentidas na forma de destruição de antigas conquistas, de incapacidade do capitalismo em manter o nível dos empregos e da necessidade da burguesia proteger seus lucros rebaixando o valor da força de trabalho. A radicalização das greves e manifestações na França é o melhor indicador para se observar o processo de recuperação da luta independente dos explorados e de rompimento dos laços políticos impostos pelos partidos da burguesia e pela burocracia sindical estatizante. Esse é o caminho que recorrerão os explorados europeus diante do prolongamento da guerra na Ucrânia, de suas consequências econômicas e dos perigos da escalada militar.

A crise de direção se manifesta nessas condições de mudança qualitativa da situação mundial. Trata-se da vanguarda revolucionária enfrentar a crise de direção com o programa da revolução social e do internacionalismo proletário. A guerra na Ucrânia e a movimentação dos Estados Unidos contra a China trazem à superfície as experiências realizadas, tanto pela revolução na Rússia em 1917, como a Revolução na China em 1949. A luta pela superação da crise de direção depende de a vanguarda recorrer ao percurso das revoluções, lutando contra o capitalismo em decomposição e contrapondo-se à contrarrevolução que impôs o processo de restauração e a atual situação de barbárie. Somente a classe operária com seu programa, estratégia e métodos de luta pode, organizada e unida, combater pelo fim da guerra, enfrentar a ofensiva do imperialismo e deter a escalada militar que pode levar a uma situação de guerra mundial.

O V Congresso da CSP-Conlutas resolve:

- 1) Realizar uma campanha nacional e internacional pelo fim da guerra na Ucrânia, por uma paz sem anexação e sem as imposições do imperialismo e do seu braço armado, a OTAN. Pelo desmantelamento das bases da OTAN e norte-americanas. Não à submissão da Finlândia e Suécia à estratégia de guerra dos Estados Unidos e aliados. Fim do cerco militar da Rússia e China. Revogação de todas as sanções imposta à Rússia. Defesa da autodeterminação, integridade territorial e retirada das tropas russas da Ucrânia. Unidade da classe operária e dos demais trabalhadores mundialmente, para acabar com a guerra de dominação e interromper a escalada militar, impulsionada pelo imperialismo. Direito à autodeterminação dos povos e fim das opressões nacionais;
- 2) Impulsionar a solidariedade ativa aos movimentos grevistas e levantes que se colocam em defesa das condições de vida e

trabalho e pela derrubada das contrarreformas capitalistas;

- 3) Combater as tendências direitistas e ultradireitistas fascistas com a política do proletariado e sob a estratégia de poder próprio;
- 4) Trabalhar pela unidade da classe operária em defesa de seu programa próprio de reivindicações. Desenvolvimento da estratégia da revolução social e do internacionalismo proletários.

II) CONJUNTURA NACIONAL

Considerando que:

A situação nacional está condicionada, de um lado, pelos impactos da crise econômica mundial e, de outro, pela constituição de um governo burguês de frente ampla, voltado à superação da profunda divisão interburguesa e obrigado a dar continuidade à política econômica que descarrega a decomposição do capitalismo sobre a classe operária e o conjunto da maioria oprimida.

A interdependência entre a crise interna e externa se evidencia mais claramente dadas as pressões para que o Brasil se alinhe em torno ao bloco imperialista que impõe o cerco à Rússia na Europa, e em torno à investida dos Estados Unidos contra a China, na Ásia. Lula iniciou seu governo tendo de oscilar entre a aliança europeia e a Rússia, bem como firmar posição de colaboração econômica com a China e a União Europeia. Os Estados Unidos procuram arrastar o Brasil como instrumento de sua guerra comercial contra a China. As campanhas de condenação do imperialismo aos regimes de traços nacionalistas como o da Venezuela e Nicarágua, em nome da democracia e dos direitos humanos, não são novidades, mas nas condições atuais da crise generalizada têm a particularidade de pressionar a burguesia e os militares brasileiros a se submeterem à camisa de força da estratégia política das potências, direcionadas a derrotar militarmente a Rússia e a limitar a capacidade de expansionismo econômico da China. Essas linhas de forças que se manifestam na América Latina e mundialmente se tornarão cada vez mais agressivas, na medida em que as contradições econômicas se tornem mais explosivas e avance a escalada militar.

O governo Lula não tem como contornar os impasses do capitalismo que vem se agravando desde a crise mundial de 2008 e que tem se manifestado no Brasil na forma de bloqueio ao desenvolvimento de suas forças produtivas, agigantamento do parasitismo financeiro, regressão industrial, elevação do desemprego e subemprego e explosão da miséria e fome. A pandemia sob o governo Bolsonaro tão somente favoreceu as tendências da desintegração econômica. A retomada que se verifica no início do governo Lula não é suficiente para recuperar parte da destruição de forças produtivas e para abrir uma nova etapa de crescimento econômico. É nessa situação que Lula não teve como atender absolutamente nada dos pedidos da burocracia sindical e seus aliados de esquerda. Frustrou a ilusão sobre a possibilidade do novo governo de revogar a reforma trabalhista de Temer e acabar com a lei da terceirização, que avança a todo o vapor em todos os ramos da economia. Os conflitos iniciais com o MST logo foram dissipados sob a pressão do agronegócio e da intervenção da ala direitista do governo, que está mais afeita a atender os interesses do agronegócio. Também nesse caso se abafou

R\$ 30

ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR DO MASSAS

Lênin estrategista da revolução proletária
Apontamentos sobre a história do Partido Bolchevique

LANÇAMENTO LIVRO

Lênin estrategista da revolução proletária

Este livro faz parte da luta da vanguarda consciente em superar a crise mundial de direção, construindo o Partido Operário Revolucionário, como seção brasileira do Comitê de Enlace pela Reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

POR
Marxismo
Teoria e Programa

Nova Coleção Editorial

a ilusão de o MST voltar a protagonizar as ocupações de terra e obrigar o governo a tirar da gaveta a bandeira de reforma agrária pacífica. A dependência de Lula das frações oligárquicas que controlam o Congresso Nacional se evidenciou imediatamente à posse do presidente. O “Centrão”, que assumiu a frente do movimento da derrubada do governo de Dilma Rousseff, manteve em pé a ditadura civil de Temer e sustentou o governo ultradireitista de Bolsonaro, passou a reger a conduta geral do governo Lula. O PT se comporta como um partido oligarquizado, que retirou poderes de sua ala mais à esquerda e se entrelaçou mais ainda com os velhos partidos de centro-direita.

O Arcabouço Fiscal e a Reforma Tributária se constituíram em duas peças fundamentais da nova governabilidade. Atendem aos interesses dos grandes capitalistas e atentam contra as necessidades mais elementares da maioria oprimida. Se é certo que o governo de frente ampla de Lula se distingue do governo ultradireitista e fascistizante de Bolsonaro quanto à chamada “pauta dos costumes” – ditada pelas forças mais conservadoras e reacionárias da burguesia, tendo à frente o aparato evangélico – e quanto à defesa da harmonia dos poderes da República, também é certo que é um governo de continuísmo das contrarreformas. O Arcabouço Fiscal e a Reforma Tributária fazem parte do amplo processo de contrarreformas que foram se implantando desde o governo neoliberal de Fernando Henrique Cardoso. No centro das medidas antinacionais e antipopulares se encontra a portentosa dívida pública, o saque ao Tesouro Nacional e o parasitismo financeiro. As contrarreformas e as privatizações servem de válvula de escape para o Estado sustentar o agigantamento da dívida e proteger a lucratividade do grande capital. A negação de Lula em repor as perdas do salário mínimo foi um sinal de que fará de tudo para proteger os capitalistas. O governo Lula já deixou claro sua incapacidade de contrariar interesses tão poderosos, para favorecer minimamente a maioria oprimida.

A eleição do caudilho petista abriu um novo período de conciliação de classes, que retoma os governos anteriores de Lula e Dilma. A pandemia golpeou a política de Bolsonaro e possibilitou a recomposição de forças oposicionistas em torno a Lula, que foi retirado da prisão para ser o candidato galvanizador da profunda divisão político-eleitoral. As manifestações do “Fora Bolsonaro”, que seguiram ao interregno da política burguesa do isolamento social, foram calculadas de acordo com o calendário eleitoral. A bandeira do impeachment e a CPI da pandemia expuseram o conteúdo real do “Fora Bolsonaro”. Todas as correntes de esquerda, praticamente, se colocaram sob essa estratégia do oposicionismo petista. A eleição de Lula acabou contando com a adesão dessas mesmas forças, seja no primeiro, seja no segundo turno. O que incluiu o conjunto das direções sindicais. O caráter ainda embrionário do POR impossibilitou que a vanguarda com consciência de classe intervesse com candidaturas próprias, objetivando auxiliar os explorados a superarem suas ilusões democráticas e desenvolver o programa da revolução proletária. A defesa do voto nulo por um programa próprio da classe operária e o chamado para confiar em suas próprias forças se mostraram corretos, uma vez que o apoio a Lula sob o argumento de vencer o fascismo não passou de impostura do reformismo decadente dos petistas.

Se sob os governos golpistas e ditatoriais de Temer e Bolsonaro as direções sindicais colaboraram bloqueando a luta das massas contra as reformas trabalhista e previdenciária, com a eleição de Lula emergiram na forma de estatização das organizações sindicais, camponesas e populares. A política de colaboração de classes se levanta como um poderoso muro de contenção das lutas e da unidade operária e camponesa. O governo Lula/Alckmin abriga partidos favoráveis ao Marco Temporal e à constituição da CPI do MST. É sintomático que o fracasso da tentativa de golpe de 8 de janeiro não se deu devido à resistência das massas, mas graças à divisão interburguesa e à indisposição do imperialismo em apoiar a aventura bolsonarista.

A experiência da maioria oprimida com o governo burguês de Lula ainda está para ser superada. A oposição ultradireitista e fascistizante serve de meio para o reformismo petista alimentar as ilusões de que a democracia burguesa foi salva, e que

por meio dela a classe operária e os demais explorados receberão os benefícios na forma de crescimento econômico e de políticas públicas assistencialistas. A tarefa de combater as ilusões democráticas implica a defesa de um programa próprio do proletariado, e de respostas às medidas de continuidade e de novas investidas das contrarreformas. É no terreno da luta de classes e da independência política que a vanguarda com consciência de classe ajudará os explorados a vencer sua dependência político-ideológica e organizativa diante do PT, aliados e da burocracia sindical.

Está colocada a luta pela constituição de um movimento de oposição revolucionária ao governo burguês de Lula. O conteúdo dessa oposição é dado pela defesa de um programa próprio da classe operária, aplicação de seus métodos de luta e desenvolvimento da estratégia própria de poder da classe operária, que se sintetiza na bandeira de governo operário e camponês, produto da revolução social. É parte da oposição revolucionária enfrentar as posições direitistas e ultradireitistas da burguesia, bem como contrapor-se às investidas do imperialismo.

O V Congresso da CSP-Conlutas resolve:

- 1) Constituir uma oposição revolucionária ao governo Lula;
- 2) Fazer um chamado às centrais, sindicatos e movimentos sociais para que rompam com o governismo;
- 3) Defender a completa independência política, ideológica e organizativa dos explorados e oprimidos diante do Estado, dos governos e dos partidos burgueses;
- 4) Aprovar de um programa de reivindicações, que una a maioria oprimida em torno à classe operária;
- 5) Unir a maioria oprimida por meio da aliança operária e camponesa;
- 6) Formar de uma frente única anti-imperialista, sob a direção do proletariado.

III) BALANÇO POLÍTICO

Considerando que:

A CSP-Conlutas não conseguiu se constituir em um instrumento de mobilização massiva da classe operária e dos demais explorados. Fracassou em abrir um canal de expressão da independência de classe do proletariado diante dos aparatos da CUT, Força Sindical, CTB e demais centrais. Esteve constantemente na dependência da frente burocrática ditada pelo PT, Solidariedade, PCdoB etc. No período mais recente, marcado pela pandemia, a Conlutas não se diferenciou da política burguesa do isolamento social, seguiu passo a passo os ditames da frente burguesa oposicionista e da burocracia sindical dominante. No movimento de contestação ao governo Bolsonaro, a Conlutas se adaptou à estratégia de oposição burguesa e pequeno-burguesa do “Fora Bolsonaro” e “Impeachment”, voltada às eleições presidenciais. Em palavras, dizia que era preciso derrubar o governo da ultradireita nas ruas, mas nos fatos seguia as diretrizes da frente burocrática montada pelas centrais. Nas eleições presidenciais, a Conlutas, sob a direção do PSTU, se colocou pelo voto em Lula no segundo turno, sob o mesmo argumento falacioso de que estava colocada a derrota do fascismo. Diante da onda de fechamento de fábricas, a Conlutas não assumiu a tarefa de organizar um movimento nacional pela ocupação das fábricas fechadas, pelo controle operário da produção e pela estatização sem indenização. Seu principal sindicato, dos metalúrgicos de São José dos Campos, acabou seguindo os mesmos passos da burocracia cutista de fazer acordos de layoff, redução da jornada com redução de salário, PDV e indenizações. A Conlutas não poderia tomar a frente das lutas contra o fechamento de fábricas, as demissões em massa e a flexibilização capitalista do trabalho, uma vez que seus sindicatos aplicavam a mesma linha da burocracia colaboracionista. Nesse sentido, a Conlutas não poderia assumir a tarefa de organizar uma frente única de combate às contrarre-

formas, embora em seu 4º Congresso tivesse aprovado orientações tais como: “unificar todas as lutas em mobilizações contra o governo Bolsonaro e o ajuste fiscal”, “Não pagamento da dívida pública”, “Diminuição da jornada de trabalho sem redução de salários, estatização das empresas que foram privatizadas, (...) estatização do sistema financeiro (...) nacionalização das terras e expropriação do agronegócio”. Aprovam-se em palavras bandeiras e tarefas que poderiam ativar os explorados e erguer um movimento independente contraposto ao bloqueio da frente burocrática constituída pela CUT, Força Sindical, CTB etc. A transformação da CSP-Conlutas em movimentos corporativos de coletivos por ações afirmativas (mulher, negro, indígena, LGBT+) desfigurou a opressão de classe e desviou a função sindical de organização unitária do proletariado e demais trabalhadores. O fato é que a CSP-Conlutas acabou sendo um aparato e uma caixa de ressonância do PSTU, de forma que sua ruptura com a CUT não foi justificada historicamente.

O balanço desse V Congresso deve ir à raiz da política pequeno-burguesa, de esquerda centrada, que se traduziu em uma ruptura no movimento sindical nacional, quando se tratava de combater pela constituição de uma fração revolucionária no seio do proletariado para derrubar a burocracia colaboracionista e venal, que se estruturou no processo de democratização burguesa pós-ditadura militar. O resultado foi que a burocracia continuou se fortalecendo e a CSP-Conlutas se enquistou com sua política sindical localista e com seus movimentos identitários de ações afirmativas. Tudo indica que o V Congresso terá de realizar uma discussão crítica e autocrítica do lugar da CSP-Conlutas na luta pelo programa próprio da classe operária e pela independência de classe. Somente assim será possível identificar e compreender o fortalecimento de uma tendência sindical à direita, que passou a defender pura e simplesmente a liquidação da CSP-Conlutas, como se verificou na proposição de rompimento do Andes/SN com a central. Essa linha liquidacionista conduz à dissolução da CSP-Conlutas no interior da burocracia francamente colaboracionista. Portanto, o V Congresso terá de contar com um balanço real e sincero para dar início a um novo momento de luta pela constituição de uma fração revolucionária, que se coloque à altura de combater pela independência dos sindicatos, pela retomada da democracia operária e pela unificação da maioria em torno a um programa e estratégia próprios do proletariado. A luta contra o divisionismo sindical é fundamental para varrer a política de colaboração de classes que tomou conta do movimento operário e popular.

O V Congresso da CSP-Conlutas resolve:

- 1) Lutar pela superação do divisionismo, burocratismo e estatismo sindicais. A CSP-Conlutas se coloca pela defesa da convocação de um Congresso de unificação e constituição de uma única central, baseada na democracia operária e na independência política diante do Estado, dos partidos burgueses e dos governos;
- 2) Condenar e rechaçar os acordos de flexibilização capitalista do trabalho, que se materializam na forma de layoff, banco de horas, redução da jornada com redução de salários, PDV e outros. Lutar em defesa dos empregos, salários e direitos trabalhistas, previdenciários e sociais;
- 3) Enfrentar o fechamento de fábricas com o método da ocupação, com o controle operário da produção, com a defesa da estatização sem indenização e com a mobilização nacional pelos empregos, salários e direitos;

- 4) Responder às demissões, ao desemprego, ao subemprego, à informalidade e à terceirização com a luta pela redução da jornada sem redução de salários, efetivação e contratação direta de todos os trabalhadores;
- 5) Combater as contrarreformas trabalhista, previdenciária, sindical e a lei da terceirização por meio da defesa do programa de reivindicações que unifique a classe operária e os demais explorados em um movimento nacional. A bandeira de revogação das contrarreformas deve estar baseada na campanha pelo programa de reivindicações e no método da ação direta (greves, manifestações, ocupações e bloqueios de avenidas e rodovias);
- 6) Opor-se às privatizações com a luta pela estatização e reestatização sem indenização e controle operário da produção. Enfrentar a resistência do capital monopolista e financeiro organizando a frente única anti-imperialista.
- 7) Lutar pelo direito irrestrito de greve e manifestação. Abaixo as legislações antigreve. Responder de forma unitária às perseguições do patronato, governos e às penalidades impostas pela justiça burguesa.

IV) PLANO DE AÇÃO

- 1) Organizar uma oposição revolucionária ao governo burguês de frente ampla de Lula. Reagir à ofensiva da ultradireita fascizante com o programa de reivindicações e os métodos de luta da classe operária;
- 2) Estruturar uma campanha nacional em defesa dos empregos, salários e direitos trabalhistas. Lutar contra o fechamento de fábricas e as demissões. Por um salário mínimo vital, necessário para manter a família trabalhadora. Redução da jornada sem reduzir os salários, escala móvel das horas de trabalho. Reposição das perdas salariais, reajuste automático de acordo com a alta do custo de vida, escala móvel de reajuste;
- 3) Revogar as contrarreformas de Temer e Bolsonaro e combater as novas investidas do governo Lula;
- 4) Desenvolver uma campanha nacional pelo fim das terceirizações, com efetivação imediata de todos os terceirizados;
- 5) Retomar as ocupações de terra e fortalecer o movimento camponês nacional, sob a bandeira de expropriação dos latifúndios e nacionalização das terras, como parte da revolução agrária. Denúncia e luta pelo fim imediato da CPI do MST. Abaixo o Marco Temporal e direito à autodeterminação das nações indígenas;
- 6) Pelo fim das privatizações e reestatização sem indenização. Não ao pagamento da dívida pública. Ampliar os recursos para a saúde, educação e moradia popular;
- 7) Erradicar as discriminações e violências sobre as mulheres, os negros, os indígenas, os homossexuais, os transexuais, e outros segmentos oprimidos. Lutar contra a opressão de classe e todas suas manifestações, com as bandeiras de trabalho igual, salário igual; proteção à maternidade; construção de creches, lavanderias e restaurantes coletivos; direito ao aborto gratuito e seguro, garantido pelo Estado;
- 8) Responder à guerra na Ucrânia e a escalada militar com a bandeira proletária de paz sem anexação, sem nenhuma imposição do imperialismo, autodeterminação e integridade territorial da Ucrânia, sob o programa da revolução proletária e do socialismo.

Escute o Massas, **podcast do Partido Operário Revolucionário**

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

Na podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**

